

A inquietação com as...

por Pedro Lobato
(Continuação da página anterior)

precisa ser retomado. Só sei que ela passa a cem mil quilômetros de distância do keynesianismo. Outro ponto importante é a questão financeira. A dinâmica do sistema financeiro é inexplicável. Isso significa que a teoria financeira de Marx não serve para explicar a realidade financeira de hoje. E mesmo teorias financeiras mais modernas não conseguem explicar essa dinâmica. Temos de construir uma teoria para isso. Para explicar como se articula a órbita financeira de hoje com a órbita produtiva, hoje, nos vários capitalismos.

Outra coisa é a capacidade que o capitalismo moderno tem de produzir tecnologia sem a pressão da vicissitude. Falta estudar como isso influiu no processo de acumulação. Eu acho que essa questão começou a ser formulada a partir de Marx, mas também não está acabada para explicar a realidade de hoje. E, além disso, existe uma questão importante para o Brasil que é a questão do Estado. E mesmo a nível do capitalismo internacional esta questão existe. Por exemplo, a questão do déficit fiscal americano. Então precisamos desenvolver uma teoria do Estado. Construir uma visão atualizada desse problema.

Que mal faz as economias periféricas acumularem dívidas de US\$ 80 bilhões?

Finalmente, tudo o que se tem aí foi desenvolvido para se entender o capitalismo globalmente. Mas, como se podem entender formações sociais capitalistas? Como se podem entender economias capitalistas periféricas, tipo da brasileira? Ou mais, qual é o mal das economias capitalistas periféricas que as leva a ter dívidas de US\$ 80 bilhões, inflação de 100% ao ano? Qual é a especificidade dessas economias? A nível de Brasil, nós tínhamos uma escola que vinha estudando e discutindo essa especificidade. Essa escola se chamava Cepal. Mas se jogou a criança e água do banho fora. Então, o professor Belluzzo fala que existe uma desarticulação entre a periferia e o centro. Mas acontece que não se sabe como é que funciona essa articulação que está falindo. Não se pesquisa isso, a não ser esporadicamente.

Concordo que há uma certa crise no pensamento crítico. De um lado, há o excesso de ortodoxia. Mas, de outro lado, há também um excesso de ecletismo que acaba levando à formulação de questões falsas, estudos que não levam a lugar algum. Concretamente, estou convencido de que não estamos entendendo o que está se passando no Brasil. Ou seja, o professor Simonsen propõe-se a tapar seus próprios olhos, enquanto o resto da academia está caindo ou num excesso de ortodoxia ou num excesso de ecletismo".

Os estudantes que participaram do debate formularam inúmeras questões aos debatedores. Essas questões não apenas deixaram transparecer um certo grau de inquietação dos estudantes em compreender a dimensão da crise bem como permitiram aos debatedores avançar um pouco mais além da crítica às palestras de Simonsen e Belluzzo e propor soluções.

Pergunta. Professor Clélio Campolina, o sr. concorda em que as autoridades brasileiras, como afirma o professor Simonsen, tomaram, desde 74, as medidas corretas para enfrentar a crise?

Resposta — Qualquer indivíduo com um mínimo de apreensão pode verificar que não foram tomadas as medidas corretas. Basta ver a natureza, a profundidade da crise econômica brasileira. Pelo contrário, em 74, o Brasil pensou que era um oásis, num mundo que se debatia em crise, na década passada. O Brasil continuou praticando sua política de "Brasil potência", "Brasil hegemônico", construindo projetos gigantescos, aumentando a nossa dependência, o nosso endividamento.

Aliás, eu quero aproveitar para colocar de volta uma questão levantada por um dos jornalistas para os professores Simonsen e Belluzzo, citando o professor Celso Furtado, sobre o mercado interno. Eu acho que esta questão é fundamental. Parece-me que a tese do professor Furtado é de que construir um mercado significa construir um mercado de massas, ao contrário da estrutura produtiva elitista que temos hoje no País. Alterando essa estrutura produtiva, nós poderemos eleger os caminhos para uma melhor distribuição de renda, para gerar benefícios sociais. E, particularmente, acho que será alterando a estrutura produtiva que nós vamos poder reordenar as condições das relações econômicas internacionais, aliviando o balanço de pagamentos do País. Poderíamos, aí, reduzir nossas necessidades de importação — e o automóvel está aí como exemplo.

Pergunta — Professor Maurício Lemos, a agricultura ativada e bem dirigida poderia ser a saída brasileira para a atual crise?

Resposta — O problema central de nossa agricultura é tecnológico. Ela virou uma espécie de mercado cativo da produção de insumos mais diversificados, fertilizantes, inseticidas, equipamentos, do parque industrial especialmente multinacional. A agricultura brasileira é uma grande consumidora de remédios padronizados, sujeita a efeitos colaterais. Ou seja, usa pacotes tecnológicos inadequados. Daí temos produtividade baixa e custos — em geral oligopolizados pelos produtores dos insumos — muito altos. Portanto, qualquer saída, via agricultura, tem de contar com uma política de criação tecnológica. A agricultura brasileira quer, por exemplo, realizar um Proálcool sem mexer na produtividade da cana, que é uma das mais baixas do mundo. Em resumo, a agricultura brasileira é um grande fiasco, apesar dos recursos naturais, do sol, do clima.

Pergunta — Professor Maurício Lemos, seria o Japão, pelo seu processo de renovação tecnológica, a nova potência hegemônica nos próximos anos?

Resposta — De fato, a economia japonesa tem todos os pré-requisitos para sair desse ciclo em que o capitalismo se encontra. Primeiro, porque, no Japão, há uma quase perfeita articulação entre as órbitas financeira e produtiva. Segundo, porque lá funciona uma relação entre capital e trabalho ideal para uma reciclagem industrial. E o Japão já dá sinais de que essas duas articulações estão presentes em seu avanço, permitindo até mesmo a introdução dos robôs. O grande problema para o Japão puxar a economia mundial é o seu porte. Até agora está crescendo numa espécie de interação com o conjunto das economias. Em certo sentido, ele está destruindo velhas estruturas produtivas em outros países capitalistas. Mas o Japão sozinho não tem como puxar a economia internacional.

Pergunta — Professor Clélio Campolina, a crise não seria a saturação dos mercados e os conflitos gerados pela disputa capitalista?

Resposta — É importante analisar a concorrência intercapitalista. Há uma certa visão vulgar da concepção marxista que tenta colocar a oposição capital-trabalho como a questão central. Não resta dúvida de que esta é uma questão central, mas

não resta dúvida também de que a concorrência intercapitalista é uma questão central e importante para se entender a dinâmica capitalista. A crise atual se manifesta também pela capacidade de se avançar tecnologicamente, contraposta à dificuldade de sucateamento. Mas a crise tem outros elementos além desses.

Pergunta — Professor Maurício Lemos, uma nova guerra mundial poderá salvar o capitalismo agonizante?

Resposta — Temos de considerar que, apenas na conjuntura dos anos 40, a guerra resolveu o problema econômico dos americanos. Agora, uma guerra mundial — além do risco de destruir a humanidade — não reaquece, está esgotada como elemento formador de demanda. Uma guerra mundial poderá vir pela irracionalidade dos governantes, e não porque ela seja uma solução econômica.

Uma guerra mundial não terá mais poder formador de demanda

Pergunta — Professor Clélio Campolina, qual seria a saída para a crise nacional e dos países periféricos, cujas economias se voltam quase exclusivamente para o mercado externo? Como implantar uma política que busque a saída no mercado interno?

Resposta — Eu colocaria algumas propostas para reflexão. É um equívoco fazer a separação do curto e do longo prazo, pois são os problemas do curto prazo que determinam o que vai acontecer a longo prazo. Estamos numa crise em que não se vislumbra uma saída fácil. Nesse sentido eu acho que algumas medidas deveriam ser tomadas: a) retorno do investimento público de forma reorientada; b) reduzir a taxa de juros, acabando com o atrelamento das taxas internas às externas; c) reduzir a política especulativa, onde o próprio governo banca a especulação, através da aplicação no open pelas estatais. É uma cobra mordendo o próprio rabo e evenenando-se a si mesma; d) reduzir a correção monetária de forma seletiva. Tudo isso de forma coerente com a mudança da estrutura produtiva, para beneficiar o mercado de massa, e com a reordenação da atividade espacial, evitando que os órgãos de fomento induzam as empresas a se localizarem nos grandes centros urbanos.

Em resumo, eu diria que existem saídas estruturais para a crise. Elas não são fáceis, porque ferem interesses, não são rápidas. O que não existe é a decisão política de aplicar as saídas. Há, portanto, a necessidade de um novo pacto social que permita que o País busque as suas saídas.

Pergunta — Os senhores não acham que seria hora de pararmos de copiar velhas teorias e buscarmos coisas novas?

Resposta — Professor Maurício Lemos — Concordo em que temos de trabalhar muito para atualizarmos a teoria econômica. Os clássicos nos ajudam a encontrar as perguntas. O problema é que pouco se faz, hoje. Há uma certa falta de humildade dos economistas, todos estamos achando que estamos entendendo o que está acontecendo e não temos a mínima idéia do que, de fato, está acontecendo. Todos estamos fingindo. A releitura dos clássicos é realmente importante, é preliminar para se pensar nos problemas.

Professor Campolina — O pensamento científico só avança superando ou negando o pensamento então existente. Então é um sacrifício inevitável, para quem quer fazer um estudo sério, reler o que já foi feito.